

## SEÇÃO FINANCEIRA

O meio circulante do Brazil

IV

BANCOS DE EMISSÃO

REGIMEN BRAZILEIRO

CRIAÇÃO DO 2º BANCO DO BRAZIL

Apesar dos grandes desastres do próprio banco do Brazil, que deixaram impressão profunda e desanimadora no espírito público; os nossos homens de governo continuaram, todavia, a reconhecer que a existência de instituições bancárias era causa indispensável ao país, para facilitar as transações do comércio e os progressos de sua nascente indústria.

Quando na sessão parlamentar de 31 de Maio de 1826, o deputado Vergueiro fez uma primeira indicação para se mandar proceder a exame e informações acerca do estado daquele projeto-banco, — sustentando a referida indicação, o seu autor não deixou, desde logo, de accentuar:

« Que devendo findar dentro de dois anos o prazo da instituição (o banco) era de necessidade absoluta tomar-se algum arbitrio antecipado sobre o modo por que seria conservado: — ou prorrogado- -se ou substituído- -se por outro... »

Nas discussões parlamentares, que se seguiram nos annos de 1827 a 1829, foi, mais de uma vez, demonstrada a necessidade do banco para o país, embora reformado completamente, quanto aos modos de sua administração, operações e privilégios.

Neste ultimo anno, tendo sido votada, como já sabemos, a lei da sua extinção; tão convencido estava, não obstante, o governo dos inconvenientes que a execução do facto devia trazer, (muito embora fosse este, no momento, necessário), que, mesmo antes da promulgação da lei referida, apresentaria na sessão da camara dos deputados de 28 de Agosto uma proposta e projeto para a criação de um novo banco, nas condições, que então reputava de melhores garantia e conveniencia...

Na sessão parlamentar de 1830, outras propostas foram oferecidas sobre o mesmo objecto, sendo, principalmente, dignas de menção a do Sr. Martim Francisco e a da comissão do meio circulante.

A proposta do Sr. Martim Francisco foi acompanhada de um longo discurso (sessão de 7 de Junho de 1830) em que aquelle notável estadista se propôs a discutir e a analisar a matéria sob todos os seus vários aspectos e possíveis consequências...

Escrivendo a respeito de semelhantes propostas, um nosso historiador contemporâneo (\*):

« As recomendações do imperador acerca da organização de um banco nacional encontravam ainda menos atenção do que nos outros casos. Quatro projectos foram apresentados: um já oferecido por Calmon em 1829; outro pelo Marquês de Barbacena, ministro da fazenda; — outro, mais largamente desenvolvido, por Martim Francisco e finalmente o quarto proposto por dois membros da comissão do meio circulante e apresentado pelo deputado Leda. Todos estes projectos foram sucessivamente rejeitados pelos deputados, que estavam desanimados pela pessima conducta havida na administração do extinto banco, de sorte que nenhum desejo tinham de que tão depressa se organizasse outro. »

Este juízo do autor está, sem dúvida, de perfeita harmonia com os factos da época.

Porquanto, na sessão da Camara, de 18 de Outubro daquella anno (1830), sendo levantada esta proposição: «Cear-se-ha, ou não, um banco?» Decidiu-se afirmativamente. Mas, finda a discussão, e posta a votos; venceu-se, que não houvesse banco nacional, e isto, apenas, contra o voto de 11 deputados...

No entanto, as condições monetárias do país continuando a oferecer o mais desagradável aspecto, sobre tudo, devido ao excesso de moeda de cobre, que se havia tornado o instrumento geral de circulação em todo o império; a discussão dos meios tendentes a melhorar semelhante situação continuara ao mesmo tempo, a ocupar, de preferência, a atenção da Representação Nacional.

Na sessão de 1831 apareceram vários projectos e alítes neste sentido: e na de 1832, prosseguindo-se no mesmo encontro, foi apresentado a 18 de Junho,

(\*) Armitage. — História do Brazil.

## FOLHETIM

169

## CHAPES HERÓICO

## A ROSA DO MERCADO

## SEGUNDO VOLUME

## SEGUNDA PARTE

## A HONRA DE UMA MÃE

XII

Havia vinte annos que elle conhecia o almirante como as palmas de suas mãos. Nunca o viria assim, senão por duas ou tres vezes, em ocasiões de espantosas tempestades durante as quais seu navio escapava de submergir-se e com elle sua pessoa e bens.

Em Savigny não havia borrasca que pudesse meter medo, mas, ali, a tempestade podia ser intima.

Ao entrar nos aposentos do almirante, Noél achou-o já levantado e em trajes de caçador.

— O meu almirante vai sair? — pergunto elle.

na Câmara dos Deputados, um projecto da Comissão Especial do melhoria do meio circulante, o qual, se propôs abranger toda a matéria, continha não só disposições relativas a reorganizar a casa da moeda da corte, a fixação do novo padrão monetário, ou o preço dos metais amodoados, a circulação do ouro em pô, etc.; mas, também, consagrava as bases gerais precisas, para a criação de um banco nacional de emissão.

Foi longo e assaz importante o debate levantado na camara, por occasião de discutir-se o projecto da comissão-dita, conjuntamente com uma emenda substitutiva do Sr. deputado Pires Ferreira. Ficando, porém, o projecto em terceira discussão, — sem que, d'outro modo, se tivesse tomado medida alguma decisiva sobre matéria tão relevante; era natural que, na sessão seguinte de 1833, a mesma questão de um novo banco, de volta com a do meio circulante, em geral, voltasse a preocupper seriamente a atenção do governo e do parlamento.

Com efeito; segundo se sah, naquelle anno, fora convocada, extraordinariamente, a assemblea geral legislativa, para o fim de tomar medidas tendentes ao prompto melhoria da nossa circulação monetária, maxime, tendo em consideração a necessidade de ocorrer... o progresso dos males provenientes da ruinosa moeda de cobre que na maior parte constituia então o meio circulante do Imperio... São palavras da fala do throno, com que, em 10 de Abril, de 1833 foram abertos os trabalhos da referida Assemblea.

**Na roça**

PAYSAGEM

AO DR. ENNES DE SOEZA

Em meio a escuridão crepuscular matinas.

A sineta do sitio acordava a gente do trabalho.

Appareceram luces entre as sombras das arvores, assobios silvaram nos caminhos, gritos de chamaada reborram na colina, e a sineta vibrou, vibrou de novo, pausadamente, o toque d'alvorada.

Era a hora da sahida para os campos. Um atepido, que parecia vir impulsionado do sol, ainda recluso, soprava de leve, e tão delicadamente festejava as flores que nem uma petala voava, nem um pistilo cahia.

Da terra viçosa vinham todos os perfumes das flores humildes, vinham os balidos das ovelhas que maravilhavam no cérado e o mugido possante dos bois anciãos pela liberdade dos prados verdes. Luciliziam no céu escuro estrelas retardatarias e, de vez em vez, um *chá* en el do campeiro ecoava no silêncio.

Cavalos relinchavam perdo da varanda e os cães do sitio, no grande terreiro escuro, ladram aos vultos dos campões que passavam de um lado para outro, com os lombilhos nos homens, arrastando as chilenas.

Velhos negros, morosos, tocavam eguas e crias por os tempos capinzais da esplanada; outros, com o cachimbo nos beicos, entravam nos chiqueiros esborrando os porcos que grunhiam de fome, alguns, enormes, espalados no lodo, roncando voluptuosamente com o focinho n'água.

As aves anunciam-se pelo ruído no matto.

Dos galhos baixos voavam gallinhas, outras surdiam dos macegues, entre um rebanho de pintos pennigentes, patos appareciam rebolando-se e escondidos nas arvores os galhos saudavam-se com prolongados *co-co-ro-cois* alegres.

Carreiros somolentos juntavam os bois à canga, assobiando cantigas sertanejas, e moleques, guias de gado, bocejavam com os braços por cima da cabeça, estalando os dedos na carapina fula.

Clareava o cume alto das serras puríssimas de luz — as montanhas iam a pouco e pouco emergindo do abrigo teñebroso da noite e o barulho das aguas correntes diminuiu suavemente pelo afazamento do serviço.

Os grilhos na hera molhada e cheirosa gritavam uma aria de festa reluzente — os sapos, nos pantanais, respondiam metonimicamente, n'uma cantilena metálica, rythmada, vibrante, como um rebolado de malhos nos esconderijos de lama — um pagode barbado nos grammados baixos.

Nos galhos o fru-fru das azas das bombas prestas a partirem para a arca dos rios, e dos copado: *pous-d'arc*, cobertos de flores, os saíbas sentidos deixavam fugir os primeiros gozengos.

Em torno de uma velha maniqueira, abundante de folhas, capaz de acolher um rebatido à sombra de seus galhos,

— Sim.

— O meu almirante... — *chá*?

— Sim.

— Só?

— Não, espero o duque de Rouéries.

— Vos estes papois?

— Sim, meu almirante.

— Fecha os cõos, cuidado, são preciosos. Si et vier a morrer, sabes onde se acham. Avisarás enão a condessa da existencia desses papeis.

— Bem, meu almirante.

A inquietação de Noél redobrou. Ajo fechar os dois maços de papeis, leu nos envelopes:

— Para madame de Kerholt.

— Para meu filho Jorge.

Isto pareceu-lhe confuso, proligamente confuso.

Prometeu a si mesmo estar alerta.

— O meu almirante recebe o duque de Rouéries aqui?

— Sim.

— Eis ahi o Sr. duque, que entra na parque. You, prevenir a José que o faça entrar.

— Vae.

Noél era dotado de um olhar penetrante... Antes de sahir, viu duas caixas novas de marroquim preto, de uma forma que nada anunciatava de bom.

Pareciam-se muito com caixas de píctolas, mas não se atreveu a fazer a menor observação.

Saiu apressadamente, foi, na verâa, a preverem, no vestíbulo de chegada, do duque, e voltou mais depressa, ainda pelas ruas, abrindo grande o velo negro que comunicava com o exterior do almirante e do qual era separado sómente por uma porta de vidro,

uma velha negra distribuia o café aos que partiam para os campos.

Ao lado do boião de barro, agrupados, de cocoras, cada um com a sua fígella, os sertanejos pisavam a rapadura para adocar o café. Um cantava um quadro serrana e os outros respondiam em coro o estribillo, enquanto a velha resumava empurrando os pequenos.

Os vaqueiros que iam para vaquejada nas campinas distantes, enchiam os surrões de víveres e saltavam para os cavalos com o barbaco entre os dentes, o cabano de couro na nuca e o laço na anca do animal fogoso.

Um *óptâ* e partiam em cavalhada pelo caminho a fôra, seguidos pelos cães vagabundos, magros molossos criados nos capinzais.

De repente, no cimo da montaña, estendeu-se o clarão purpuro da luz e o flabello triumphal da aurora cobriu toda a serrania de ouro.

Era dia.

Os carneiros lanudos em magotes seguiram por um caminho estreito, levados por dois moleques; as cabras tomaram a direcção da collina e na varanda *ápia* recuou uma mulatinha, com uma abada de milho e chamarando as aves por se aitar mancheias no terreno.

— Vieram voando ao redor da terra as galinhas; os patos, graxando, com as azas bulbosas levantando poeira; os perus, entufados, orgulhosos, explodindo de quando em quando num *gru-gu-lhu* vaivôs — e todo esse mundo curvou a cabeca na terra, tumultuarmente, engolindo os bagos louros com ua eli sonoro.

De repente, um guincho estridente subiu do terreno — depois um *ópido* riscido, outro — uma chirinola de rangidos, finos, uma rincharia aguda e a voz dos homens, de aguilhada no ombro, fallando aos bois na linguagem do: *E cau ch lou!*

Eram os carros que partiam para a cocheira da casa.

Súbitamente, uns guinchos vibraram, fortes, arisonantes, e *óprios* como toques de clarim no campo, e Germana, levantando os olhos lacrimosos, viu, no alto do monte acceso como uma cratera o sol entre as chamas do nascente, rubro, enorme, redondo, iluminando, com uma metralha mortífera, voando pelo ar sereno contra um inimigo invisível. Claudio, talvez... Claudio, o seu noivo!...

E hirta, levando a carta aos labios, caiu na gramma orvalhada, justamente quando os carros partiam ao som da cantiga dos guias:

O *chá* dos campeiros era como a voz imperativa dos capitães comandando o massacre.

O relincho dos cavalos pacíficos lembrava-lhe a bulha guerra da um esquadro, avançando a rede baixa contra os miseráveis soldados, companheiros de seu noivo — e os campinos que passavam arrastando as chilenas eram como os cavaleiros desmontados, errantes pelo campo, ao lusco-fusco da manhã, vencidos.

De repente, a revolta de aves felizes estremecer e o grito dos galos era como o brado de alerta nas fileiras.

Germana tremia, apertando entre os dedos a carta estremecida.

Os carreiros, ao lado dos grandes carros, eram como artilheiros ferozes pondo os canhões em bateria para a descarga desastrosa — e os grilhos e os sapos faziam uma bullha feroz de embate de armas.

E tudo se aclarava com o vomito das peças — a treva desaparecia diante dos relâmpagos dos canhões.

Subitamente, uns guinchos vibraram, fortes, arisonantes, e *óprios* como toques de clarim no campo, e Germana, levantando os olhos lacrimosos, viu, no alto do monte acceso como uma cratera o sol entre as chamas do nascente, rubro, enorme, redondo, iluminando, com uma metralha mortífera, voando pelo ar sereno contra um inimigo invisível.

Outro que lá tinha ido e em uma das vezes encontrei-me com um sujeito alto, gordo, de oculos, antipathico, com um estomago grande, uma barriga maior e um ligado imenso.

Este individuo trazia para limpar-se um esfregão de palha de milho seca, um sabão de alcatrão e um lengol na mão limpo.

Mais tarde soube que era aferes da guarda nacional.

Antes de sair para o banho levava-se regularmente um quartu de hora a desgarar um *amplastre* que tinha grudado a pelle do lado da sede das molestias hepáticas.

Outro que lá tinha ido, empregado público, era baixo, magro e calvo, signal de que tam perdido os cabellos da cabeça talvez em serviço do governo. Depois de me fazer um grande elogio da *Aqua Limpia* concluiu, dizendo que era mais conveniente a construção de um edifício de banho perto do citado local.

Ainda mais me convenceu da sua ideia quando o vi, depois de sahir debaixo da chocaíra, abaixar-se, sacar da boca uma dentadura e começar a esfregá-la.

Venha, pois, o estabelecimento balneario para impedir a exposição pública de dentaduras de todos os fiamhos teitos!

Dizem que *Aqua Limpia* serviu outrora para lavar ouro; hoje serve apenas para tirar gorduras.

Que destino!

Na vespere do dia 21 de Abril dirigi-me à casa de um francês, baixo, de olhos gaudiosos, bigode e cavaignac grisalhos e cabellos idem, que acumulava as funções de armarinhiero e ferragista.

Tinha ido, ao seu estabelecimento comprar uma roldana para prendê-la a um mastro, onde ia arvorar um bandeira.

Ali alguém mostrou-me uma poesia inedita sua e lixei ensaio de ler algumas de um manuscrito que ele tem tentado de estampar em letra de fôrma.

A poesia que é extraída do referido manuscrito intitulado: *De l'origine des peuples de l'América* e o que abalhou transcreve e fui aqui impressa em ávivos no dia 21, sendo seu autor o Sr. Guillaume Amédée Pérat.

— Ei-lá:

J'entre à Villa-Rica qu'on nomme Ouro Preto

On avait sur ses murs cloué la char sanglante

</div